

# **Democracia 1866–1869**

Luiz Gama

**edição brasileira**© Hedra 2021  
**organização**© Bruno Rodrigues de Lima

**edição** Jorge Sallum  
**coedição** Suzana Salama  
**assistência editorial** Paulo Henrique Pompermaier  
**revisão** Renier Silva, Luiza Simões Pacheco  
**capa** Lucas Kröeff

**ISBN** 978-65-8970-512-3

**conselho editorial** Adriano Scatolin,  
Antonio Valverde,  
Caio Gagliardi,  
Jorge Sallum,  
Ricardo Valle,  
Tales Ab'Saber,  
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.  
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)  
05416-011 São Paulo SP Brasil  
Telefone/Fax +55 11 3097 8304  
editora@hedra.com.br  
www.hedra.com.br  
Foi feito o depósito legal.

# Democracia 1866–1869

Luiz Gama

Bruno Rodrigues de Lima

*(Organização, introdução, estabelecimento  
de texto, comentários e notas)*

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

**Democracia** reúne textos escritos entre 1866 e 1869, quando se revela a atuação de Gama em outros domínios do conhecimento e debate público, como educação e política, além da entrada no mundo do direito. Ainda usando um pseudônimo, Gama passa a defender na imprensa o direito à educação universal e a obrigação do Estado em garantir ensino público de qualidade em todos os níveis como os fundamentos da vida democrática. Ainda hoje, a ideia de que a democracia depende da educação ampla, geral e irrestrita soa como inconveniente para alguns. Na época, era um ato revolucionário. A partir desse ponto, Gama nunca mais pararia. Democracia, direito e liberdade tornam-se palavras-chave de sua literatura. No entanto, logo após vincular suas opiniões a seu nome próprio, foi demitido do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia da capital. Isso marca o início de uma nova fase, dedicada à advocacia e ao direito.

**Luiz Gonzaga Pinto da Gama** nasceu livre em Salvador da Bahia no dia 21 de junho de 1830 e morreu na cidade de São Paulo, como herói da liberdade, em 24 de agosto de 1882. Filho de Luiza Mahin, africana livre, e de um fidalgo baiano cujo nome nunca revelou, Gama foi escravizado pelo próprio pai, na ausência da mãe, e vendido para o sul do país no dia 10 de novembro de 1840. Dos dez aos dezoito anos de idade, Gama viveu escravizado em São Paulo e, após conseguir provas de sua liberdade, fugiu do cativo e assentou praça como soldado (1848). Depois de seis anos de serviço militar (1854), Gama tornou-se escrívão de polícia e, em 1859, publicou suas *Primeiras trovas burlescas*, livro de poesias escrito sob o pseudônimo Getulino, que marcaria o seu ingresso na história da literatura brasileira. Desde o período em que era funcionário público, Gama redigiu, fundou e contribuiu com veículos de imprensa, tornando-se um dos principais jornalistas de seu tempo. Mas foi como advogado, posição que conquistou em dezembro de 1869, que escreveu a sua obra magna, a luta contra a escravidão por dentro do direito, que resultou no feito assombroso — sem precedentes no abolicionismo mundial — de conferir a liberdade para aproximadamente 750 pessoas através das lutas nos tribunais.

**Bruno Rodrigues de Lima** é advogado e historiador do direito, graduado em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Cabula), mestre em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UNB) e doutorando em História do Direito pela Universidade de Frankfurt, Alemanha, com tese sobre a obra jurídica de Luiz Gama. Trabalha em Frankfurt, no Instituto Max Planck de História do Direito e Teoria do Direito. Pela EDUFBA, publicou o livro *Lama & Sangue – Bahia 1926* (2018).

## Sumário

Apresentação das obras completas . . . . .	9
Introdução, <i>por Bruno Rodrigues de Lima</i> . . . . .	15
Lista de abreviaturas . . . . .	49
<b>I</b>	<b>ES CRAVA BRASÍLIA: 12 ANOS, TORTURADA E</b>
	<b>MORTA. . . . .</b>
» 1	«Sou tão inimigo do assassinato como da calúnia» . . . . .
» 2	Reputação de assassino . . . . .
» 3	Se Gama está dentro, é melhor cair fora . . . . .
» 4	Surge um aliado . . . . .
» 5	A frieza do justo . . . . .
<b>II</b>	<b>LUIZ GONZAGA «AFRO» DA GAMA. . . . .</b>
» 1	Democrata até os ossos . . . . .
» 2	Protesto constitucional . . . . .
» 3	Rabo de arraia nos capoeiras da imprensa . . . . .
» 4	Desafio a um mentiroso . . . . .
» 5	Agenda democrática para um Brasil soberano . . . . .
» 6	Quem salva o povo é o povo . . . . .
» 7	Spartacus e John Brown em sessão de espiritismo . . . . .
» 8	Leituras de Victor Hugo . . . . .
» 9	A morte do Arquiduque Maximiliano . . . . .
» 10	O vigário de Cristo . . . . .
» 11	O leão avelhentado . . . . .
<b>III</b>	<b>EM DEFESA DA EDUCAÇÃO. . . . .</b>
» 1	O coração do povo e o cérebro do Brasil. . . . .

» 2	Quando o Brasil deixará de ser um império de analfabetos? . . . . .	141
» 3	Liberdade de ensino e escola para todos . . . . .	147
» 4	Por uma revolução do pensamento . . . . .	153
» 5	Pela instituição do ensino obrigatório . . . . .	161
» 6	O porquê se deve descentralizar o ensino básico . . . . .	167
» 7	Que o ensino primário seja uma realidade no Brasil . . . . .	175
<b>IV</b>	<b>CARTA ABERTA AO DEPUTADO LIBERAL TITO</b>	
	<b>MATTOS. . . . .</b>	<b>183</b>
» 1	Crítica ao projeto de reforma do ensino primário . . . . .	185
» 2	Eles não querem um camponês letrado . . . . .	197
» 3	Não garantir educação é violar a Constituição . . . . .	211
<b>V</b>	<b>A NOVA LEI DE EDUCAÇÃO BÁSICA. . . . .</b>	<b>219</b>
» 1	Metáfora legislativa de um criminoso egoísmo . . . . .	221
» 2	Truques legislativos para fazer o povo de besta . . . . .	231
» 3	Que o povo julgue o que faz a «gente de gravata lavada» . . . . .	239
» 4	Aqui formigam a rodo disparates do maior calibre . . . . .	249
<b>VI</b>	<b>JUSTIÇA E PENA DE MORTE NO BRASIL. . . . .</b>	<b>257</b>
» 1	O Supremo Tribunal revogou a lei para proteger o crime . . . . .	259
» 2	Mais uma sentença de impunidade . . . . .	263
» 3	Apologia ao crime . . . . .	267
» 4	Tribunais de Justiça do Brasil: focos de imoralidades e corrupção . . . . .	271
» 5	O magistrado assassino . . . . .	277
» 6	Pena de morte . . . . .	283
» 7	Execução da pena de morte . . . . .	287
» 8	O assassinato da justiça . . . . .	291
<b>VII</b>	<b>NAS QUEBRADAS DO BAIXO IMPÉRIO. . . . .</b>	<b>295</b>
» 1	Cem dias sem salário . . . . .	297
» 2	Reconhecendo a autoridade competente . . . . .	299
» 3	A ideia grandiosa do ensino popular . . . . .	301
» 4	Em vez de escola, tarimba . . . . .	303

» 5	Antes tarimbas que escolas . . . . .	307
» 6	Alfabetização de libertos e escravizados . . . . .	309
» 7	Ordens injurídicas . . . . .	313
» 8	Bofetada na cara de um estrangeiro pacífico . . . . .	315
» 9	Direito em linguagem enérgica . . . . .	317
» 10	Uma certidão de óbito extravagante . . . . .	327
» 11	A nem tão misericordiosa Santa Casa . . . . .	329
» 12	Abusos da vigilância sanitária . . . . .	331
» 13	A fuga das galinhas . . . . .	337
» 14	A corrupção come pelas beiradas . . . . .	341
» 15	O que dá acreditar no poder da lei . . . . .	345
» 16	Quem legisla no Brasil é o Poder Executivo . . . . .	347
» 17	Africanos livres na miséria . . . . .	349
» 18	«Todos os poderes no Brasil zombam impunemente do povo» . .	351
» 19	No último suspiro, surge a liberdade . . . . .	355
» 20	Respeito é bom e o funcionário público gosta . . . . .	357
» 21	Até com os mortos . . . . .	361
» 22	Plena barbaria em Jundiá . . . . .	365
<b>VIII</b>	<b>TEXTOS REPUBLICANOS. . . . .</b>	<b>369</b>
» 1	Monstro fabuloso . . . . .	371
» 2	O juiz que vendeu a toga para os vândalos do governo . . . . .	377
» 3	O centro e os radicais . . . . .	379
» 4	Zacarias e Nabuco são tão sabidos quanto infiáveis . . . . .	383
» 5	Engodos constitucionais . . . . .	389
» 6	Escola com partido . . . . .	393
» 7	Epitáfio para um traíra . . . . .	399
<b>IX</b>	<b>PRODUÇÃO DE LIBERDADE EM TEMPOS DE</b>	
	<b>ESCRavidÃO. . . . .</b>	<b>403</b>
» 1	«Em nome de três milhões de vítimas» . . . . .	405
» 2	Todas as causas de liberdade . . . . .	413
» 3	Em nome de Rita . . . . .	415

» 4	Sangue nas mãos do carinhoso pai apostólico . . . . .	423
» 5	Que a lei seja uma verdade respeitada . . . . .	433
» 6	Abolicionistas contra a posse de africanos livres . . . . .	437
» 7	Uma proveitosa lição de direito . . . . .	439
» 8	Aviso à mãe . . . . .	445
X	O AMANUENSE EM XEQUE. . . . .	447
» 1	Miseráveis togados tramam na surdina . . . . .	449
» 2	Uma miséria inqualificável . . . . .	457
» 3	A comédia que foi a tragédia . . . . .	465
» 4	Fim da peça . . . . .	469
XI	PELA ÚLTIMA VEZ, VÍRGULA. . . . .	473
» 1	Raspando o tacho . . . . .	475
» 2	A luta continua . . . . .	477
» 3	Qualquer parada . . . . .	479
	Bibliografia . . . . .	481
	<i>In memoriam</i> . . . . .	485
	Agradecimentos . . . . .	487
	Índice remissivo . . . . .	491



## Apresentação das obras completas

A trajetória desse misterioso astro se dirige a uma grande alvorada.  
Tranquilizemo-nos.<sup>1</sup>

Em 2030, o Brasil comemorará o bicentenário de nascimento de Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Dada a urgência histórica em se ler, conhecer e promover o debate público sobre a obra do advogado negro que marcou a história do Brasil e das Américas, além da história do direito e da literatura mundial, a editora Hedra resgata e publica as *Obras completas* do herói abolicionista que, nas palavras de um contemporâneo que testemunhou a sua luta, “ainda que mais não faça, é já um nome que merece um lugar na gratidão humana, entre Espártacos e John Brown”.<sup>2</sup>

Entre manuscritos e artigos de imprensa, as *Obras completas* reúnem mais de oitocentos textos originais de Gama, sendo mais de seiscentos deles desconhecidos do público, pensados e articulados numa estratégia autoral *sui generis* que transitava por diversas linguagens e gêneros literários. Em onze volumes, patenteiam a escrita original — poética, profética, política, democrática, satírica, jurídica, humanitária — de um autor negro num país opulento, racista e violento, tão embranquecido em suas formas sociais quanto marcado pelo espírito da escravidão.

Para facilitar o acesso ao *corpus* literário de Gama, a organização das *Obras completas* combina critérios temáticos e cronológicos. Cada volume carrega sua respectiva temática-síntese e periodização que o insere numa área do conhecimento, bem como

1. *Ça Ira!* (sp), [editorial], 23 de setembro de 1882, p. 1.

2. No volume *Liberdade*, “Luiz Gama por Lúcio de Mendonça”.

numa das frações temporais dos longos trinta e dois anos da produção intelectual de Luiz Gama (1850–1882). No entanto, nem o recorte cronológico nem a organização temática devem ser vistos necessariamente como enquadramentos intransponíveis. Numa obra complexa e sofisticada, sobreposições temporais e cruzamentos discursivos são bem-vindos e encorajados. A ideia, no fundo, é a de que cada volume comunique com o seu vizinho imediato e produza sentido se percebido em conjunto. Desse modo, tema e tempo, matéria e cronologia, convergem para o propósito de se apresentar as *Obras completas* de Luiz Gama em suas linhas de continuidades, rupturas, diacronias, fugas e variações.

O volume de abertura, *Poesia (1854–1865)*, reúne os primeiros escritos autorais de Luiz Gama. A partir de sua entrada tão incrível quanto estranha no mundo da imprensa em julho de 1854, quando se achava preso na cela de uma cadeia, o volume percorre uma década decisiva para a formação intelectual do jovem e insubmisso poeta. Além de suas *Primeiras trovas burlescas*, poesias lançadas sob o pseudônimo Getulino em 1859 e 1861 — e que que marcariam sua estreia literária —, o volume engloba textos posteriores a Getulino, que evidenciam a sofisticação de um projeto literário que articulava poesia lírica, satírica e prosa poética.

O segundo volume, *Profecia (1862–1865)*, compreende crônicas que o jovem Gama publicou, sobretudo, fora da cidade de São Paulo. As crônicas tratam, em sua maioria, de assuntos criminais, da resistência à escravidão, disputas na alta sociedade, articulações partidárias, além de denúncias de corrupção nos aparelhos de estado. O título *Profecia* remete, a um só tempo, ao sugestivo pseudônimo adotado por Gama e às suas visões de liberdade para o futuro do Brasil. Gama apelava à consciência do público através de uma espécie de chamado profético, que antevia, no presente, as armadilhas e os desafios do futuro.

O terceiro volume, *Comédia (1865–1867)*, colige crônicas que ridicularizam os costumes de São Paulo, especialmente da vida cultural, teatral, política e religiosa da época. *Comédia* pode ser lido como linha de continuidade às crônicas do volume anterior,

*Profecia*. Mais experiente na lida com a imprensa, Gama avança em seu projeto literário apostando em um estilo mais cômico e teatral. A crítica aos costumes, então, se revelava como uma arma poderosa na mão do poeta satírico. Os textos de *Comédia* servem como janelas para que os leitores de hoje vejam, e talvez riam, das barbaridades da elite paulista da época, que, afinal, não é tão distante assim da nossa.

O quarto volume, *Democracia* (1867–1869), revela a atuação de Gama em outros domínios do conhecimento e debate público, como a educação e a política, além de marcar sua entrada no mundo do direito. Gama passa a defender na imprensa o direito à educação universal e a obrigação do Estado em garantir ensino público de qualidade em todos os níveis como um dos fundamentos da vida democrática. Nesse período, democracia, direito e liberdade tornam-se palavras-chave de sua literatura. Não sem razão, foi justamente nessa época que Gama foi demitido do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia da capital, o que o lançaria para uma nova fase, agora dedicada à advocacia e ao direito.

O quinto volume, *Direito* (1870–1875), demonstra que a prioridade de Gama passava a ser a escrita de uma literatura normativo-pragmática. São textos que podem ser lidos segundo divisões temáticas internas do direito: civil, criminal e processual, mas também a partir dos casos concretos em que Gama atuou como advogado ou parte interessada. Ainda que a maior parte dos textos tratasse de causas que envolvessem escravidão e liberdade, o volume também reúne textos de outras naturezas jurídicas, estritamente técnicas, o que revela, por sua vez, o domínio intelectual do advogado em outras matérias do direito.

O sexto volume, *Sátira* (1876), é formado por textos afiadíssimos que, em geral, criticam os costumes e moralidade de uma sociedade corrupta, violenta e escravocrata. Gama construiu uma obra satírica de envergadura épica. Ninguém passou ileso pelo bico da sua pena: juízes, advogados, professores, jornalistas, banqueiros. Todos foram ridicularizados como expressão medonha da sociedade escravocrata brasileira.

O sétimo volume, *Crime (1877-1879)*, representa a volta de Luiz Gama à literatura normativo-pragmática a partir de textos que são, em sua maioria, constituídos por denúncias de violação de direitos de presos e prisões ilegais. Relacionados à matéria penal e à matéria processual penal, os textos em *Crime* revelam o conhecimento de causa com que Gama interpretava o direito criminal do Brasil. Uma habilidade técnica, aliás, pela qual foi reconhecido e remunerado como um dos maiores no campo profissional.

O oitavo volume, *Liberdade (1880-1882)*, demarca o surgimento de um tipo de literatura de intervenção que exigia a imediata abolição da escravidão. Apesar da condenação moral do cativo ser recorrente na obra de Gama, é somente em 1880 que a campanha pela liberdade ganha um *corpus* textual específico. Os artigos deste volume, portanto, são fruto da luta radical pela abolição e por direitos. O abolicionismo de Gama, como ficará patenteado nas páginas de *Liberdade*, exigia cidadania e igualdade de fato e de direito.

O nono volume, *Justiça (1850-1882)*, reúne manuscritos fundamentais de Luiz Gama, que se constituem, inclusive, como páginas decisivas do abolicionismo mundial. É composto por petições que tramitaram no judiciário, escritas às vezes nas portas das cadeias, da polícia e dos tribunais. Somando-se aos anteriores, *Justiça* revela a magnitude da ação política e jurídica de Gama. É uma obra que confirma sua estatura de jurista. Sendo exceção na ordem cronológica do conjunto, *Justiça* é o arremate que a um só tempo articula os temas anteriores, sobretudo jurídicos, e dá unidade à sua literatura. É um volume ímpar das *Obras completas* de Luiz Gama.

O décimo volume, *Polícia (1850-1882)*, compreende escritos de ofício, sobretudo da época em que Gama atuou como auxiliar da polícia e de outras repartições de estado, primeiro como copista, depois como escrevente, escrivão e amanuense. São cartas, boletins e petições administrativas que patenteiam a pluralidade de suas ações políticas dentro da máquina administrativa.

O décimo primeiro volume, *África-Brasil (1850-1882)*, é com-

posto de escritos relativos à experiência de liberdade dos africanos ilegalmente escravizados em São Paulo. Abarcando textos que jogam novas luzes sobre a presença de Gama no mundo policial e administrativo, *África-Brasil* ressignifica sua relação com a imensa e plural comunidade de africanos — e seus descendentes — no Brasil. Reúne o início, o meio e o fim dessa relação constitutiva de sua formação como pensador, a relação África-Brasil, ela que também foi constitutiva do país onde Gama nasceu, viveu e lutou: o Brasil.

Por derradeiro, estamos certos de que “a década de Luiz Gama” está apenas começando. Será trabalho de gerações, como efetivamente tem sido, recuperar o legado de Luiz Gama e reinseri-lo no lugar que merece ocupar nas letras, no jornalismo, na política, no direito e na história. Se as *Obras completas* refletem o progressivo acúmulo geracional de conhecimento que socialmente temos do Brasil Império, em geral, e da trajetória de Gama, em particular, elas não escapam das deficiências e lacunas de nosso presente. Ainda que tenhamos disponíveis, como nunca antes, incríveis bases de dados digitalizadas, que permitem o acesso remoto a uma parte considerável dos jornais do século XIX, não se poderia cravar que a reunião desse quase um milhar de textos seja uma edição definitiva. No último dos cinco volumes das correspondências de Machado de Assis, o coordenador da edição, Sérgio Paulo Rouanet, pontuou que “numa obra desse tipo, todo final é sempre provisório”.<sup>3</sup> Essa é, sem dúvida, uma das limitações destas *Obras completas*. Por paradoxal que seja, ela só é completa até o presente momento. Daí que, oxalá assim seja, ela possa ser revista e ampliada no futuro. Afinal, essa é uma obra impensável sem o esforço de gerações de pesquisadores e leitores do passado e do presente, e que fica aberta às contribuições, retificações, críticas e sugestões de todos os leitores.

3. Machado de Assis. *Correspondência de Machado de Assis, tomo v: 1905–1908*. Organização de Sérgio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015, p. xxv.



## Introdução

BRUNO RODRIGUES DE LIMA

Nas linhas quase apagadas de um velho jornal carioca, lê-se uma revelação que joga luz sobre a obra do jornalista e advogado Luiz Gama: segundo Lúcio de Mendonça, amigo e confidente de Gama, no ano de 1868, o abolicionista negro publicava artigos na imprensa e os “assinava com o pseudônimo *Afro*”.<sup>1</sup>

Mas quais textos? Onde eles estão? O que eles dizem?

Até hoje, os especialistas não os encontraram. A afirmação categórica de Mendonça permanece, todavia, no vácuo da dúvida historiográfica. As respostas, contudo, moram nos detalhes. E aqui ganham valor as tais linhas quase apagadas do velho jornal carioca. Afinal, elas registram o depoimento da única testemunha que relatou os fatos que ora se desvelam.

Puxando os fios da memória como quem andasse num quarto escuro, Mendonça contou num folhetim que marcou época alguns lances que presenciou e outros que ouviu dizer, todos referentes à vida de Luiz Gama. Alguns acontecimentos contavam mais de dez anos. É natural, portanto, que a memória ora aplicasse de seus truques e ora revivisse com clareza nuances antes fugidias. Para o momento, nos interessam aqueles fatos que Mendonça testemunhou e que só ele trouxe a público.

1. Lúcio de Mendonça, “Luiz Gama”, *Gazeta da Tarde* (RJ), Folhetim, 15/12/1880, pp. 1–2. O histórico folhetim também foi publicado, como perfil biográfico, no *Almanach Litterario de S. Paulo para o ano de 1881*. Ainda que idênticos, tomarei a versão do folhetim como base pelo impacto que a publicação alcançou e o projeto editorial envolvido em seu lançamento.

Atentos aos detalhes, então, vejamos como Mendonça recorda ter conhecido o amigo: “Nesse ano de 1868, conheci Luiz Gama. Vi-o, se bem me lembra, a primeira vez, na tipografia do diário liberal *O Ypiranga*”.<sup>2</sup> Se a primeira frase é taxativa, identificando 1868 como o ano exato, a frase que vem em seguida vacila — “se bem me lembra” — quanto ao local do encontro (e ao que Gama fazia lá). A afirmação que vem na sequência reitera o ano do encontro: “No ano seguinte, lembro-me dele entre os redatores do *Radical Paulistano*”, jornal republicano que teve vida curta e agitada ao longo de 1869 e início de 1870.<sup>3</sup> Aqui, como se vê, a lembrança — “lembro-me dele” — não escorrega: Luiz Gama, de fato, foi um dos redatores do *Radical Paulistano* (voltaremos a isso mais adiante) entre abril de 1869 e janeiro de 1870.

Mas se Mendonça acerta a linha do tempo, erra no arremate. Para ele, teria sido no *Ypiranga* que Gama “foi colaborador da folha, onde assinava com o pseudônimo *Afro*”.<sup>4</sup> Ao menos desde a década de 1930, especialistas na obra de Gama reabrem as páginas amareladas do *Ypiranga* procurando os artigos assinados por Afro. Trabalho em vão. O testemunho de Mendonça falha justamente no ponto em que admite não estar seguro, isto é, quanto ao local do encontro e, por extensão, quanto à forma com a qual Gama colaborava com o jornal.

Depois de reviradas as páginas do *Ypiranga*, sem maior sucesso na busca por Afro,<sup>5</sup> por que não esmiuçar os outros jornais paulistanos publicados em 1868? É o que me propus a fazer. Assim, por critérios temáticos e temporais, isto é, pela escolha de alguns veículos de imprensa e a partir de determinados debates sociais em evidência em São Paulo, encontrei, na excelente hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, apenas três textos as-

2. *Ibid.*

3. *Ibid.*

4. *Ibid.*

5. Encontrei um único texto assinado por Afro nas páginas do *Ypiranga*; texto que, após cotejamento de método, passou a compor esse volume. Cf. “A morte do arquiduque Maximiliano”, p. 120.



sinados por um certo Afro. É pouco? Sim, muito pouco, não encorajando que se tome nenhuma conclusão a respeito da autoria. Ademais, nenhum dos três artigos é de 1868, mas sim de 1866 e 1867, 1867, o que abre janelas para uma nova periodização, por um lado, mas escapa, por outro lado, do testemunho de Mendonça no que ele tem de mais assertivo: o ano em que Gama escrevia como Afro.

Realmente, tratar do problema da autoria na imprensa brasileira da segunda metade do século XIX é como caminhar em um território pedregoso. Num mundo de nomes, pseudônimos, conflitos, assuntos e interesses partidários difíceis de se compreender e caracterizar, o leitor deve redobrar a atenção. Periódicos surgiam e sumiam em semanas. Alguns jornais mais longevos, por sua vez, mudavam de linha editorial repentinamente, quase sempre em razão de algum evento político, como alguma sacudida no parlamento, troca de comando na administração provincial ou mesmo uma simples eleição de juiz de paz que acabava em sangue e troca de tiros. Enquanto as máquinas dos partidos do Império se revezavam nos ministérios, no Legislativo e nas províncias, a imprensa, geralmente a reboque do partido da ocasião, vacilava entre um e outro, liberais e conservadores, todos convergentes no fundamental quando o assunto era a nefasta continuidade da escravidão negra.

#### SÃO PAULO, 1866–1868

Se o triênio 1866–1868 pode ser indicado, de modo geral, como um ponto de inflexão na luta político-partidária do Império, também pode ser visto, em particular, como uma nova etapa do debate de ideias na imprensa, sobretudo a partir do surgimento do movimento republicano como uma terceira força política relevante. A guerra no Paraguai, a dissolução traumática do gabinete de Zacarias de Góis com a imediata promoção dos conservadores na chefia do Executivo, além do cenário internacional refeito pela abolição da escravidão nos Estados Unidos da América, co-

locavam na ordem do dia temas espinhosos como o papel do Estado na guerra, a soberania nacional do Brasil, os limites da representação política no parlamento, assim como a expansão da cafeicultura e a novas exigências para a sustentação da política da escravidão.<sup>6</sup>

Em São Paulo, cidade que começava a alcançar os trinta mil habitantes, um jornal humorístico e ilustrado, coisa rara naquele tempo, capturava essas e outras questões sociais pelo viés liberal-progressista e antimonarquista. As imagens e os textos satíricos do jornal *O Cabrião* divertiam seus leitores e incomodavam fundo seus opositores, que inclusive os processaram numa fracassada tentativa de censura.<sup>7</sup> Hoje as páginas do *Cabrião* são documentos de uma época. Suas crônicas testemunham de perto um período desse triênio, entre setembro de 1866 e outubro de 1867, no qual durou o semanário humorístico, e deixam pistas de um outro que lhe sucederia na parte restante do triênio: o jornal *Democracia*, publicado de dezembro de 1867 até julho de 1868. E é nele, no *Democracia*, jornal infelizmente ausente da base de dados da Biblioteca Nacional, que o testemunho de Mendonça ganha força de prova documental.

Se é correto relacionar a temporalidade de veículos de imprensa com a ascensão de determinados grupos políticos no poder, podemos traçar uma linha entre a posse de Zacarias de Góis na chefia do Executivo, em agosto de 1866, e a criação do *Cabrião* no mês seguinte, em setembro de 1866. Se a correlação entre temporalidades procede, podemos estender essa linha até a queda do gabinete liberal-progressista, via intervenção direta do imperador Pedro II, e veremos cair ao mesmo tempo o domínio liberal-progressista e o jornal *Democracia*, espécie de sucessor do *Cabrião*, no mês de julho de 1868.

6. Sobre o conceito de política da escravidão, cf. Tâmis Parron. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826–1865*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, especialmente pp. 17–19.

7. Esse caso é discutido na introdução do volume 3, *Comédia (1866–1867)*, destas *Obras completas*.

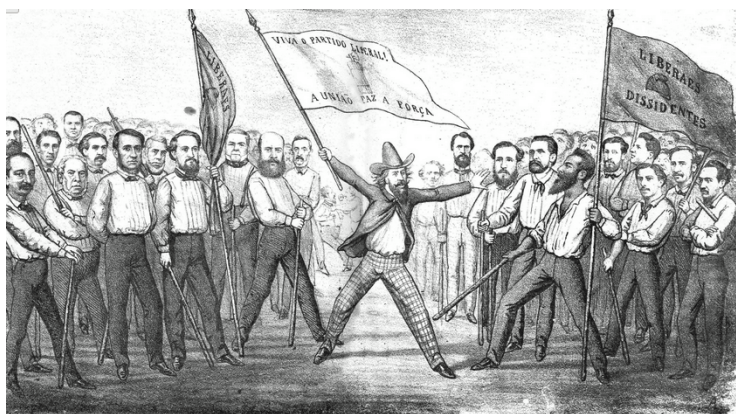
Assim, a voz do liberalismo radical paulista nos debates públicos coincidiria exatamente com o tempo que Zacarias de Góis presidia o gabinete dos ministros e, por extensão, supervisionava as províncias, visto que as indicações locais — presidente de província, chefes de polícia, juizes de direito, etc. — passavam por sua caneta.

Em outras palavras, o *Cabrião* surgiu com a ascensão liberal-progressista ao poder central, cresceu na turbulência política que avassalava o país, rachou aos estilhaços como o próprio Partido Liberal nos finais de 1867, e uma dessas frações reorganizou-se em outro veículo de imprensa, agora chamado *Democracia*, que, por sua vez, duraria tão somente oito meses, isto é, o tempo final que os liberais ficaram no poder.

A linha temporal do início ao fim do ciclo *Cabrião-Democracia* conectada com eventos da política nacional é mais fácil de se traçar. Difícil, porém, é captar as dinâmicas da luta intrapartidária que levaram os liberais a se fragmentarem em grupos distintos, num movimento que se revelou irreversível com o surgimento de associações republicanas locais, como clubes e jornais, até a fundação do Partido Republicano, em 1873.

Uma imagem, contudo, expressa com nitidez a cisão interna do Partido Liberal às vésperas da ruptura. O lendário artista Angelo Agostini teve a rara felicidade de retratar esse instante político com a maestria que o tornou conhecido como um “poeta do lápis”.<sup>8</sup> Estampada no *Cabrião* em fevereiro de 1867, a ilustração apresenta as principais figuras do Partido Liberal divididas em dois grandes grupos: os liberais moderados e os liberais radicais. Ao centro, a personagem-símbolo que dava nome ao jornal, o *Cabrião*, fazia que apartava a iminente briga com a bandeira da unificação partidária desfraldada com os seguintes dizeres: “Viva o Partido Liberal / A União faz a força”.

8. Para saber mais sobre Ângelo Agostini, que foi parceiro de Luiz Gama na imprensa ilustrada paulista da década de 1860, cf. Marcelo Balaban. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. São Paulo: Editora Unicamp, 2009.



Ao lado direito do *Cabrião*, entre outros chefes do partido, os moderados José Bonifácio, o Moço, ex-ministro e então deputado, além de Silva Carrão e Joaquim Floriano, ambos ex-presidentes da província de São Paulo. Ao lado esquerdo, para variar, Luiz Gama à frente de uma pequena multidão de liberais dissidentes em que se achavam, recuados, o jornalista Américo de Campos e Martim Francisco, ministro da Justiça do gabinete Zacarias.

A litogravura de Agostini é rica em sinais. Todos na imagem carregam um porrete. Apenas um deles ameaça a outra ala: o de Luiz Gama. Todos na tela estão de gravata ou camisa fechada: só Gama a tem aberta e, além disso, com a manga já arregaçada. Enquanto José Bonifácio, líder do bloco dos liberais moderados, segura sua respectiva bandeira fechada, do lado oposto tremula a bandeira dos “Liberais Dissidentes” carregada por Luiz Gama. Todos, por fim, estão com suas bocas fechadas. Menos o *Cabrião* e Gama. É de se notar, igualmente, que um dos seguidores de Gama, imediatamente atrás dele, imita o gesto do líder e também arregaça a manga, num sugestivo indício de que a conduta de Gama começava a se alastrar por entre as suas fileiras.<sup>9</sup>

9. A identificação dos atores envolvidos na cena desenhada por Agostini foi

PARTE I

ESCRAVA BRASÍLIA: 12 ANOS, TORTURADA E  
MORTA

**NOTA INTRODUTÓRIA** No dia 23 de fevereiro de 1867, foi enterrada no cemitério de Santos uma menina negra, de 12 anos de idade, chamada Brasília. Antes de enterrá-la, o coveiro notou que o cadáver possuía sinais de tortura e por isso “comunicou suas dúvidas à polícia”. Ato contínuo, “a polícia mandou ao cemitério uma comissão de médicos” para examinar o cadáver. Inicialmente, a causa mortis de Brasília foi identificada como “diarreia”. Depois, como “ataque cerebral”. Entre uma conclusão e outra, levantava-se a opinião de um médico de que os sinais de tortura estavam marcados no cadáver de Brasília. Na imprensa da época, nenhuma palavra sobre o crime. Porém, à boca pequena, a notícia corria solta, até chegar na capital da província, através de carta privada, na mesa de Luiz Gama. “A Revista Commercial” — advertia Jorge Avelino, o informante de Gama — “nem palavra tem dito, apesar da cousa correr de boca em boca.” E, por fim, o mesmo informante perguntava-lhe angustiado: “Que dizes a isto? Em que país vivemos?” Gama se indigna. Mas, como bem conhecia o país de Brasília, tomaria uma via oblíqua para abordar o fato criminoso na imprensa, revestindo a denúncia da crueldade senhorial de uma discussão técnica sobre o crime de calúnia. Funcionou. Gama rompeu a cortina de silêncio sobre o crime na imprensa e ainda chamou às falas o assassino. O país de Brasília, Gama bem sabia e assim escreveria anos mais tarde, no qual “este animal maravilhoso, chamado escravo, na expressão legal, este homem sem alma, este cristão sem fé, este indivíduo sem pátria, sem direitos, sem autonomia, sem razão, é considerado abaixo do cavalo, é um racional toupeira, sob o domínio de feras humanas — os senhores”.

## Capítulo 1

### «Sou tão inimigo do assassinato como da calúnia»<sup>1</sup>

**Comentário** *Já na primeira oração, reproduzida aqui também como título do artigo, o autor da denúncia equipararia, por expediente retórico, o crime de assassinato com o de calúnia. Assim, de uma só tacada, o articulista qualificava o crime que descreveria adiante como um assassinato, bem como defendia-se antecipadamente da possibilidade, que logo se confirmaria com o processo que viria a responder, de que ele, com estas linhas, incorria no crime de calúnia. O obscuro Philodemo, que no artigo seguinte espontaneamente revelaria seu nome próprio — Luiz Gama —, pedia que o fato criminoso fosse “averiguado miúda e escrupulosamente e que as autoridades competentes” cumprissem com a lei. Para isso, Philodemo-Gama dava publicidade à carta de um terceiro, que pode ser lida como uma “notícia-crime”, colocando à disposição das autoridades elementos para uma necessária investigação criminal.*

Sou tão inimigo do assassinato como da calúnia; amo com tanto estremecimento a verdade e a justiça como aborreço<sup>2</sup> a mentira e a desídia.<sup>3</sup>

É por isso que ofereço à consideração pública o trecho infra-transcrito, de uma carta que acabo de receber de pessoa fidedigna da cidade de Santos.

Que o fato seja averiguado miúda e escrupulosamente e que as autoridades competentes cumpram o seu dever é o que ardentemente deseja

PHILODEMO<sup>4</sup>

1. *Correio Paulistano* (SP), A Pedido, [sem título], 03 de março de 1867, p. 2.

2. Abomino, odeio.

3. Negligência, irresponsabilidade.

4. Provavelmente, o pseudônimo faz referência ao *Auto de Filodemo*, comédia de Luís Vaz de Camões (1524?-1580), especialmente ao personagem-título da peça. Amante da música, Filodemo foi plebeu e criado de um fidalgo, que



Corre em todo [termo de] Santos, que no sábado passado, 23 do corrente, foi levado ao cemitério público o cadáver de uma preta escrava de Joaquim Luiz Pizarro, e que o guarda do cemitério no dia seguinte, mandando-a sepultar, teve escrúpulo de o fazer porque “notou no cadáver sinais de castigo rigoroso ao que atribuía a morte”, e em consequência comunicou suas dúvidas à polícia.

A polícia mandou ao cemitério uma comissão de médicos e me informam que um deles declarou o estado miserável em que se achava esse corpo, “atribuindo todavia a morte a um ataque cerebral”!!!

O ilustre que então se achava com a subdelegacia depois da delegacia, ao que parece, passou-a adiante, porém o sucessor declara que nos papéis que recebeu não aparece o corpo de delito feito e nem teve a menor informação sobre o fato do seu antecessor!

A *Revista Commercial* nem palavra tem dito, apesar da cousa correr de boca em boca.

Que dizes a isto? Em que país vivemos?

depois descobriria ser seu tio. A comédia aborda, entre outros temas, os limites sociais entre plebeus e nobres, assunto caro para o sentimento poético de Gama, leitor ávido de Camões, e que, dois anos antes, em 1867, admitiria usar esse pseudônimo na imprensa paulistana.



## Capítulo 2

### Reputação de assassino

#### *Joaquim Luiz Pizarro ao público*<sup>1</sup>

**Comentário** *A réplica de Joaquim Pizarro ataca o articulista do Correio Paulistano de forma bastante dura — “miserável caluniador”, “um desses entes abjetos”, “miserável parasita”, “testa de ferro” —, como se gritando mais alto fosse convencer os leitores. Em sua defesa, é verdade, Pizarro possuía a recente decisão do delegado de polícia de Santos e de médicos peritos que atestavam que a escravizada Brasília teria morrido não em decorrência de torturas, mas sim em razão de uma apoplexia. Embora as “indagações policiais” não tenham constatado a ocorrência de “criminalidade alguma”, elas não ocultavam o fato de que a suspeita de tortura noticiada por Philodemo realmente existiu. Em outras palavras: não era porque o delegado julgava impropriedade a criminalidade do suspeito que a denúncia do fato criminoso não teria existido. Era para essa direção, contudo, que Pizarro acenava. Gritando, por um lado, e sacudindo a decisão do delegado, por outro, Pizarro parecia querer fazer crer não só que nada tinha que ver com a morte de Brasília, mas que, no limite, ninguém sequer havia morrido. O fato criminoso que existia e urgia atenção das autoridades era outro: era o crime de calúnia veiculado nas páginas do Correio Paulistano. Como quem torturava as palavras, Pizarro dizia, finalmente, que “o assassino de minha reputação” deveria receber o castigo da lei. Brasília estava morta. Pizarro queria agora “encontrar” o mensageiro que deu voz ao seu último grito.*

Um miserável caluniador, um desses entes abjetos que se alimentam na torpeza, procurou-me para alvo da sua infâmia, atribuindo-me um fato horroroso, qual o de ter falecido uma minha escrava de castigos rigorosos, fato este publicado no *Correio Paulistano* de 3 de março próximo findo.<sup>2</sup> Não procedi logo contra tão insidiosa<sup>3</sup> calúnia por ter a polícia entrado em indagações a respeito e me ser aconselhado por alguns amigos que detivesse

1. *Revista Commercial* (SP), Publicações a pedido, 06 de abril de 1867, p. 3.

2. Cf. *Correio Paulistano* (SP), A Pedido, [sem título], 03 de março de 1867, p. 2.

3. Ardilosa.

qualquer procedimento contra o assassino de minha reputação enquanto não fossem julgadas as indagações policiais. Mercê de Deus, foram elas julgadas e infra publico a sentença do delegado de polícia. Agora vou prosseguir no meu propósito de perante  
5 os tribunais do país elucidar o fato. Tenho certeza que me hei de encontrar com algum miserável parasita, chamado testa de ferro, que a troco de quaisquer dois vinténs atirados no balcão de imunda tasca<sup>4</sup> assumiu a responsabilidade da calúnia contando com a comiseração da vítima. Engano! As lágrimas do miserável  
10 não me comoverão.

Santos, 3 de abril de 1867

Vistos estes autos, etc.

Julgo improcedentes as presentes indagações policiais, visto que delas não resulta criminalidade alguma, e antes são os médicos contestes  
15 em confirmar o respectivo corpo de delito em que declaram ter a preta Brasília falecido de uma apoplexia,<sup>5</sup> e as mais pessoas interrogadas nada dizem que possa trazer a convicção da existência de um crime.

Santos, 26 de março de 1867

MIGUEL JOSÉ FLORINDO

4. Botequim, bodega.

5. Lesão vascular cerebral súbita.

## COLEÇÃO HEDRA

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acusado!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A Vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyo
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

## METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

## «SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

## «SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

## COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

## COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

## «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

## COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil,  
em 1 de agosto de 2021, em papel pólen soft, em tipologia MinionPro e  
Formular, com diversos softwares livres, entre eles  $\text{\LaTeX}$  & git.  
(v. b1 daeea)

